

A história da Pesquisa Ação Participante (PAP) se confunde com a história dos movimentos sociais do pós-guerra que desencadearam uma mentalidade libertária pelo mundo. A PAP é produto das mesmas forças que colocaram o povo em insurreição nas ruas, buscando formas alternativas de saída da opressão e levaram a ciência a questionar o saber dominante e o paradigma positivista da neutralidade científica. É um estilo de pesquisa que se desenvolveu mais na prática militante do que na prática acadêmica.

Paulo Freire⁵ é apontado como responsável pela sistematização dessa metodologia que redescobre o conhecimento popular, criando um estilo de pesquisa conjugada à ação educativa.

No Brasil a Igreja Católica progressista foi a principal responsável pelas

primeiras experiências de PAP, nos anos 60 e 70 baseada na linha educativa de Paulo Freire, a partir de experiências de educação popular desenvolvida seguindo os princípios da *Pedagogia do Oprimido*⁶ e levada a efeito entre populações rurais²³.

Mas a PAP não se reduz a uma ação educativa, ela é produto da convergência de 3 vertentes analíticas. A *vertente educativa*, oriunda da crítica sobre o papel da Educação, configurando-se na busca de alternativas de educação popular comprometida com uma perspectiva de transformação social. A *vertente social-militante* que está relacionada aos movimentos da sociedade civil dos países pobres da América Latina, onde o povo procura aumentar seu peso político frente a um Estado autoritário e a uma ordem econômica ex-

cludente. Nos países de capitalismo avançado, sem problemas de subsistência e cerceamento político, a PAP encontrou ressonância nos grupos minoritários que lutam para afirmar sua identidade e superar sua discriminação. A vertente epistemológica refere-se a luta dos pesquisadores para romperem com a tradição positivista da pesquisa social, buscando fundamentos no materialismo histórico dialético.

A PAP, desde sua criação até hoje vem se movendo dentro dessas 3 vertentes e, de acordo com a ênfase dada a cada uma delas, delimita-se suas diferentes concepções.

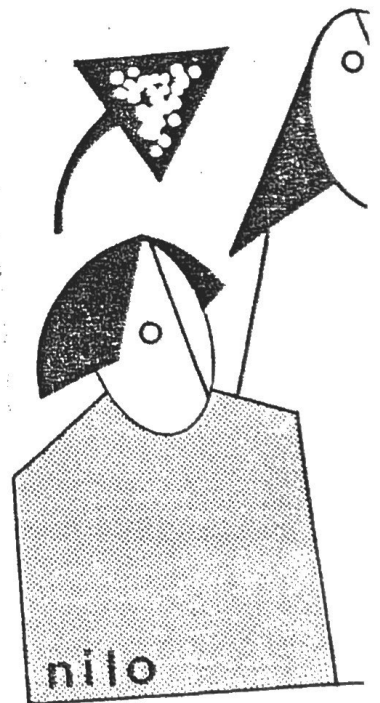
De início, a vertente epistemológica ficou um tanto abafada. O fato da PAP ter sido assumida unicamente por grupos militantes levou ao imediatismo da ação e à preocupação de legiti-

Pesquisa Ação Participante - a práxis científica com vocação política

BADER BURIHAN SAWAIA*

História a implantação da pesquisa ação participante através dos tempos e no Brasil. Destaca os itens: 1 - Os diferentes estilos da pesquisa ação participante (investigação ação, investigação militante, pesquisa participante e pesquisa ação). 2 - Os procedimentos da pesquisa ação participante e seus momentos (o pesquisador no campo, reuniões de reflexão, critérios da população, coleta dos dados, divulgação dos resultados) que deverão serem considerados pelo estudioso

Enfoque São Paulo 17.3 - 67, Set 1989



mã-la junto aos Movimentos Sociais, evitando o academicismo. Isso redundou num certo descaço pelas discussões teóricas metodológicas e só mais recentemente começa a aparecer a preocupação de trazê-la para o âmbito das Ciências Sociais, entendendo-a como um estilo de pesquisa e não apenas uma estratégia de educação popular.

O grande desafio da PAP, hoje, está na sua manutenção dentro de uma perspectiva de investigação científica, sem perder seu caráter comprometido, apaixonado e criativo.

1 - OS DIFERENTES ESTILOS DA PESQUISA AÇÃO PARTICIPANTE (PAP) COMO SEGUEM:

A metodologia de pesquisa que aqui

analisamos sob o título de PAP, aparece na literatura sob diferentes terminologias contendo cada uma delas sua especificidade.

(1) - Investigação Ação; nasceu na Colômbia a partir das reflexões e práticas do grupo Rosca, coordenado pelo sociólogo Fala Borda!

Este grupo se define como um grupo científico inserido no processo colombiano revolucionário, que baseia seu trabalho nas organizações e grêmios populares, buscando a expressão campesina autêntica como uma das bases ideológicas necessárias para um movimento revolucionário moderno adaptado ao país. Adota o marxismo como método de trabalho e não como ideologia, em seus aspectos teóricos práticos, adaptando-o à realidade colombiana.

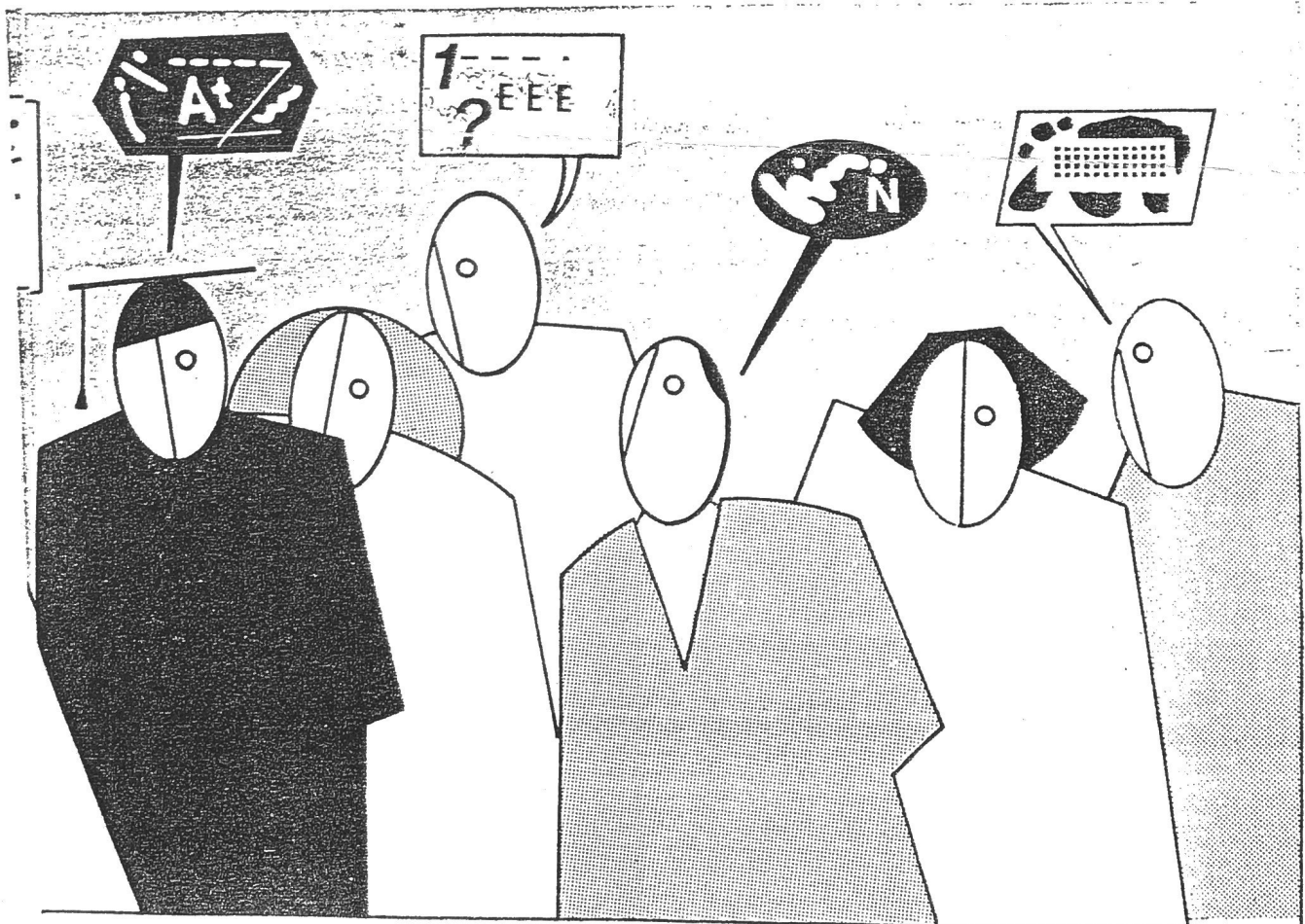
Princípios metodológicos da investigação ação:

- compromisso ombro a ombro com a população
- antidogmatismo
- método dialético materialista
- ciência modesta
- técnicas dialogais
- capacitação da população para romper a dependência dos intelectuais.

Borda define Investigação Ativa como o modo histórico de concretizar a preocupação em se colocar a ciência a serviço da revolução e a prática teórica em ação.

A Investigação Ação é a produção de

(1) Doutor em Psicologia, Sócio-profissional da Psicologia da Universidade de Bogotá, Colômbia, Diretor da Psicologia Social da PUCE, Diretor do Serviço de Orientação do Departamento de Orientação Profissional do Grupo de Psicologia Social da USP, e Sócio-profissional da USP.



conhecimento para guiar a prática e levar a modificação de uma realidade dada, como parte do mesmo processo investigativo.

1.2 - Investigação Militante; vertente que surge da necessidade de melhorar a qualidade da militância, mais do que de preocupações acadêmicas, respeitando os mesmos princípios da Investigação Ação.

O eixo central da pesquisa é o compromisso político partidário, visando auxiliar de forma direta os partidos políticos e o conceito guia é o de colocar o conhecimento a serviço dos interesses populares.

1.3 - Pesquisa Participante; Suas diretrizes são as mesmas da Investigação Ação e Investigação Militante, mas a ênfase é dada à produção coletiva do conhecimento, à ação participativa, à participação da população em todas as etapas da pesquisa, desde a elaboração dos objetivos até a reflexão final dos dados.

→ Importa pesquisar com a população e não sobre a população.

O conceito de participação é fundamental na Pesquisa Participante e essa preocupação participativa não envolve necessariamente ação militante, uma vez que os grupos investigados não são obrigatoriamente mobilizados em torno de necessidades específicas, mas em torno de um processo de redução de conhecimento que respeita e incorpora o saber popular.

A Pesquisa Participante pretende ser uma alternativa metodológica na qual pesquisadores e pesquisados seriam sujeitos ativos da produção coletiva de conhecimento. É um modo de pesquisa social que busca a plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a transformação social, para seu próprio benefício. Mas, apesar da ênfase na atividade investigativa, ela é também uma atividade educativa e de ação. Parte do pressuposto de que o compromisso com a transformação se manifesta na construção coletiva do conhecimento.

isto significa que esse processo de pesquisa produz conhecimento, que usado pelo povo poderá conduzi-lo a uma conscientização, que por sua vez, possibilitaria uma prática política organizada e transformadora.

1.4 - Pesquisa Ação. Proposta de organizar a investigação em torno de uma ação planejada, com objetivos, metas e meios estabelecidos.

A ênfase é dada à ação e à urgência dos problemas a serem tratados, voltando-se à militância política e à in-

tervenção cultural. A ação é entendida como um processo educativo e a busca do saber está voltada à necessidade das ações imediatas de curta ou longa duração.

Na Pesquisa Ação a participação do pesquisador se explicita a partir da existência de grupos populares organizados em torno de projetos políticos próprios, que definem o significado da transformação desejada. A aceitação e confiança no pesquisador é anterior a qualquer formulação de pesquisa, que se realizará apenas a partir de interesses convergentes das duas partes.

Analisando esses quatro estilos de Pesquisa Ação Participante, observa-se ênfases referentes numa das 3 vertentes analíticas apontadas no início deste estudo: a Investigação Militante privilegia a vertente social, a Investigação Ação e Pesquisa Ação a vertente educativa e a Pesquisa Participante a vertente epistemológica.

Agora, dá para entender porque foi usado neste texto o termo PAP. Buscou-se uma expressão capaz de marcar a concepção de uma "práxis de pesquisa", de linha marxista, preocupada em captar o fenômeno em processo, em desencadear uma ação educativa-transformadora, com a participação da população, que possa ser resgatada em termos de conhecimento e fazer, assim, avançar tanto a prática social quanto a teoria.

2 - OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA AÇÃO PARTICIPANTE

O procedimento da PAP se constrói à medida que avança, a partir das constantes reflexões da ação desencadeada, incorporando os múltiplos elementos intervenientes no processo. Essa postura não indica ausência de procedimento, uma vez que isso já é uma diretriz metodológica, preocupada em superar a ruptura entre teoria/prática e entre sujeito cognoscente/objeto de conhecimento, para assim, romper com o paradigma positivista que sufoca a pesquisa com esquemas rígidos.

A PAP procura transformar o projeto num processo de pesquisa.

Postura perigosa, sim. Por isso exige muita atenção, cuidado e avaliações frequentes por parte dos pesquisadores para não se tornar na prática uma pesquisa empirista e ingênua, acabando por gerar muita participação e pouco conhecimento.

Uma das diretrizes de procedimento da PAP é o relato minucioso dos di-

ferentes momentos da pesquisa, de suas transformações e dos inúmeros elementos determinantes do processo, para ter condições de colocar sua fidelidade em avaliação pela comunidade científica, pela população e pelo próprio pesquisador. Outra diretriz é a manutenção da tensão permanente entre a identificação e o estranhamento, entre o olhar crítico e o sentir na relação pesquisador/pesquisado.

Num balanço rápido das pesquisas realizadas segundo essa metodologia, podemos levantar seus momentos mais comuns. O 1º momento é o de conhecer e se fazer conhecer. É quando o pesquisador, junto com a população procura conhecer e traçar a problemática da pesquisa, tentando captar os conflitos e tensões, identificar os grupos

A Pesquisa Ação Participante procura transformar o projeto num processo de pesquisa.

que têm a necessidade de mudança e por fim mobilizá-los e organizá-los.

Isto não significa que o pesquisador deva chegar em campo com uma "tábula rasa" e anular sua competência e capacidade crítica em nome do saber popular, numa atitude passiva de aceitar o que lá se diz e se faz. Ele tem intenções que vão nortear a pesquisa e suas intenções vão ser confrontadas com as necessidades da população na definição dos objetivos da pesquisa. Ele tem um saber que o torna pólo ativo do processo da pesquisa capaz de garantir a relação teoria/prática.

Antes do primeiro momento é preciso também pensar como se dá a inserção do pesquisador no campo.

— alguns começam através da militância e fazem da pesquisa um momento de reflexão de sistematização da prática para torná-la mais eficiente e re-

gistrar a história daquela ação.
— outros se inserem em grupos já organizados ou a convite deles ou oferecendo auxílio em questões que os afligem.

— outros, por uma opção epistemológica, oferecer sua competência de pesquisador a setores da população considerados oprimidos e, a partir daí, iniciar um trabalho de organização e mobilização em torno das necessidades do grupo, procurando capitalizar o processo desencadeado em termos de conhecimento científico.

— Há pesquisadores que defendem um problema de pesquisa específico e se oferecem para trabalhar com grupos que tenham a mesma preocupação.

— Alguns estabelecem uma relação cliente-profissional procurando modi-

ficar o modo de pensar e agir da população, com intuito manipulador.
— Outros se inserem para agir procurando acirrar os conflitos e acentuar contradições.
As reuniões de reflexão são freqüentes tanto para decidir os rumos da pesquisa como para instrumentalizar a população, ou para centralizar as informações coletadas e discutir as interpretações e devolver os resultados da pesquisa à população. Essas reuniões são feitas em pequenos grupos ou, com menor freqüência em assembléias muitas vezes deliberativas.
O critério de representatividade da população não é estatístico mas sim qualitativo ou expressivo. As amostras são intencionais, as pessoas são escolhidas em função da relevância que apresentam em relação ao assunto e à situação social escolhida. Por isso, a PAP tra-

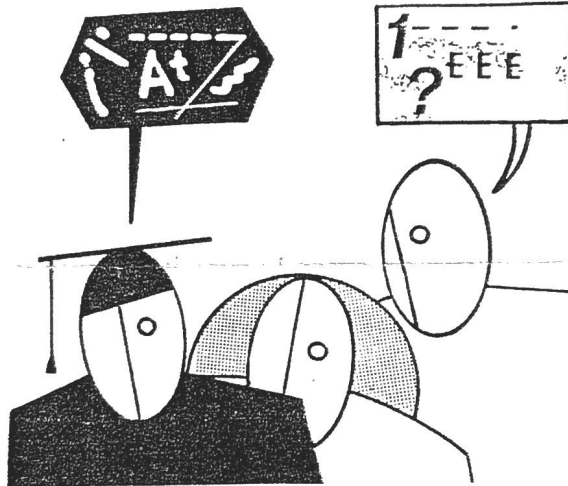
balha com grupos matrizes geralmente compostos por lideranças, moradores antigos, pessoas atuantes na comunidade. Esses grupos ou já se encontram organizados ou serão formados na fase inicial da pesquisa. A população ou a comunidade será atingida através de um efeito multiplicador desencadeado a partir do grupo matriz. Esse grupo trabalha ao lado do pesquisador, participando de todos os momentos da pesquisa, inclusive da coleta e análise dos dados.
As técnicas de coleta de dados não poderiam deixar de ser qualitativas, mas não o são exclusivamente. Num primeiro momento, usam-se amostragem e o questionário para se levantar a problemática do grupo em estudo e traçar-lhe o perfil. A aplicação do ques-

tionário, na maioria das vezes, é feita pela própria população que também participa da elaboração do instrumental.
Mas as técnicas fundamentais da PAP são a história de vida e o diário de campo (emprestadas da Antropologia), além de entrevista aberta e do grupo.
A análise dos dados é também qualitativa e preferencialmente coletiva. Ser preferencialmente coletiva não significa que é plena a participação da população envolvida pela pesquisa. O grau de participação depende da abrangência da pesquisa, da problemática e da complexidade da análise. Quando realizada pelo pesquisador, os dados são devolvidos à população para um processo de reavaliação, que lhe dará a forma final.
A divulgação dos resultados adota sempre um padrão simples e fácil de

BIBLIOGRAFIA INDICADA

- 1 - BORDA, Orlando Fals. Investigating reality in order to transform it. The Colombian experience. *Dialectical Anthropology*, Amsterdã, 4(1) 33-35, Mar. 1989
- 2 - BRANDÃO, Carlos Rodrigues, org. *Pesquisa Participante*, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- 3 - *Revendo a Pesquisa Participante*, São Paulo, Brasiliense, 1984
- 4 - EZPELETA, Justa. Notas sobre pesquisa Participante e construção teórica. *Em Aberto*, Brasília, 3-10, 1984
- 5 - FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974, Cap. 3
- 6 - HALL, Bud L. "Participatory research, popular knowledge and power: a personal reflection". *Convergence*, Toronto, 14(3):6-19, 1981
- 7 - LANE, S.E.M. e SAWAIA, Bader B. *Psicologia - Ciência ou Política*. São Paulo, Ed. da PUC, 1989 (edição preliminar)
- 8 - LERBERT, C. "Approche Systematique et recherche-action". *Communautés* (Université de Haute Alsace) n.º 55, 1982
- 9 - LOPEZ DE CEBALLOS, Paloma. Introducción Metodológica e la Encuesta Conscientizadora. *Revista Latino Americana de Estudios Educativos*, México, 141-173, 1979
- 10 - MOLANO, Alfredo. Acción-Investigación - Teoría y Práctica in Simposio mundial de Investigación Activa y analisis científica - Cartagena, 1979, Anais
- 11 - SAWAIA, Bader B. A consciência em construção no trabalho de construção da existência. São Paulo, 1985, v. 2 (Fase de doutoramento PUC/SP)
- 12 - SELECTIVE bibliography on participatory research. *Convergence*, Toronto, 14(3) 74-80, 1981
- 13 - THILLET, Michel J.M. *Metodologia da Pesquisa Ação*, São Paulo, Cortez, 1985.
- 14 - TOURAINE, Alain et al. *La méthode d'intervention Sociologique*, Paris, Atelier d'intervention Sociologique, 1982

ABSTRACT — The study relates the history of the participant action survey implementation both throughout the times and in Brazil, underlining the following items: 1 - the different styles of participant action survey (action investigation, militant investigation, participant survey, and action survey) and 2 - the participant action investigation procedures and its different moments (field investigation, discussion meetings, population criteria, data gathering, communication of results), which must be considered by the interested person.



tionário, na maioria das vezes, é feita pela própria população que também participa da elaboração do instrumental.

Mas as técnicas fundamentais da PAP são a história de vida e o diário de campo (emprestadas da Antropologia), além de entrevista aberta e do grupo.

A análise dos dados é também qualitativa e preferencialmente coletiva. Ser preferencialmente coletiva não significa que é plena a participação da população envolvida pela pesquisa. O grau de participação depende da abrangência da pesquisa, da problemática e da complexidade da análise. Quando realizada pelo pesquisador, os dados são devolvidos à população para um processo de reavaliação, que lhe dará a forma final.

A divulgação dos resultados adota sempre um padrão simples e fácil de

tionário, na maioria das vezes, é feita pela própria população que também participa da elaboração do instrumental.

Mas as técnicas fundamentais da PAP são a história de vida e o diário de campo (emprestadas da Antropologia), além de entrevista aberta e do grupo.

A análise dos dados é também qualitativa e preferencialmente coletiva. Ser preferencialmente coletiva não significa que é plena a participação da população envolvida pela pesquisa. O grau de participação depende da abrangência da pesquisa, da problemática e da complexidade da análise. Quando realizada pelo pesquisador, os dados são devolvidos à população para um processo de reavaliação, que lhe dará a forma final.

A divulgação dos resultados adota sempre um padrão simples e fácil de